

3 Conclusão

O que
(se) foi
é (s)ido.
Arnaldo Antunes¹

A epígrafe apresentada vem anunciar uma reflexão final, conclusiva, na medida em que o seu sentido colabora com a compreensão da proposta de escrita das crônicas de António Lobo Antunes. A primeira leitura do poema - “o que foi é ido” - não se aproxima da argumentação elaborada pelo Autor em seus textos, dado que o *ido* é sempre retomado no seu discurso através da memória, sempre presente; no entanto, a segunda leitura - “o que se foi é sido” revela um pensamento mais fecundo em relação à obra do escritor. Isto porque o *sido* para Lobo Antunes funciona como o eixo principal da sua escrita literária e, para nos certificarmos deste apontamento, basta percebermos que as suas crônicas nos revelam uma grande concentração de experiências, sejam elas pessoais ou políticas. Lobo Antunes trabalha com o *sido* como o *sou*; ou seja, o passado que evoca nos seus textos não apenas constitui um sentido pretérito, mas também constrói o presente da sua narrativa que assinala inteiramente a recuperação de lembranças como fontes inesgotáveis de entendimento do *hoje*.

É certo que muito já se escreveu sobre a memória como tema literário. Entretanto, nas crônicas de Lobo Antunes, ela representa mais do que um argumento de escrita e, para usar o termo de Andreas Huyssen - ela significa um espaço de “ancoragem”. Ao rememorar a infância em Benfica, a perda dos amigos, os processos políticos que marcaram o seu país e a guerra em África nos seus textos, o escritor nos remete a ler a sua vida *em pedaços*. E ao nos apresentar personagens que refletem os traços contemporâneos da vida nas grandes cidades, o Autor nos faz vivenciar os fragmentos do que somos.

Diante das poucas páginas que compõem as suas crônicas, o escritor nos remete a uma estrutura bem urdida, que nos leva a compreender a sua proposta literária como um todo. Não é difícil ver que os textos do Autor dialogam com os

¹ ANTUNES, Arnaldo. “O que (se) foi”. In: As coisas. São Paulo: Ed. Iluminuras, 1993.

romances e, sobre esta observação, há um vasto caminho ainda a ser explorado. No entanto, a presença do humor irônico nos permite uma leitura mais leve dos assuntos que focaliza, embora, muitas crônicas que apresentamos aqui estejam vinculadas a sentimentos de tamanha densidade que mais parecem uma “maneira de chorar dentro de uma palavra”. As crônicas de Lobo Antunes apresentam um sentido amplo, como já dissemos aqui nesta dissertação, mas o que nos interessa notar é que este sentido amplo está muito além de uma caracterização híbrida - e aqui não ressalto somente os pares arte/notícia, crônica/romance - por unir autor e leitor na construção da obra, e é esse enlace que se torna a sua característica mais marcante. Embora este seja um traço da literatura contemporânea, as crônicas de Lobo Antunes têm em particular o fato de não restringir esta união entre autor e leitor somente ao texto, este “encontro amoroso” como diz Maria Alzira Seixo, se realiza também fora dele quando nos faz pensar sobre a conjuntura social de Portugal e refletir sobre a nossa própria posição como seres humanos em construção.

Para Lobo Antunes as crônicas são concebidas como “algo para entreter os leitores aos domingos”, dado que o Autor cansa de nos dizer que onde joga mesmo a sua vida, é nos romances. No entanto, a sua opinião não satisfaz a necessária apreensão que fazemos destes textos como metonímia do seu discurso literário. Como vimos nesta dissertação, esteticamente as crônicas são diferentes por não permitirem talvez o espaço desejado para o desenvolvimento de uma linguagem mais densa, mas o conteúdo (ou o contexto), que se torna o objeto mais importante para o leitor, se realiza com eficiência na medida em que este é o fim que ele procura para a sua evasão.

Contudo, podemos dizer que Lobo Antunes cumpre com maestria a sua função de intelectual não só pela capacidade mental de construir histórias que nos interrogam e, que também nos respondem sobre as nossas dúvidas, mas também por trabalhar muito e escrever incessantemente, insistindo no propósito de tornar a nossa leitura uma leitura de vida, de dor, de cicatriz e nos proporcionar a alegria, (por que não?) de fazermos parte do seu enredo.